



Luís de Albuquerque e Castro

Possuía o curso de Engenheiro Técnico de Minas sendo funcionário da Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, no Serviço de Fomento Mineiro, com sede no Porto, cidade onde vivia.

Trabalhando isolado, com dificuldades de acesso a bibliografia especializada – que não se cansava de pedir insistentemente, por empréstimo a arqueólogos com quem mantinha relações, e com mais facilidade de acesso à mesma – Albuquerque e Castro sempre se defrontou, no seu local de trabalho, relativamente ao seu labor arqueológico com um ambiente de indiferença, senão mesmo de hostilidade. Apesar de tudo, pode considerar-se muito relevante o trabalho neste domínio por si desenvolvido. Neste sentido, é um dos arqueólogos portugueses mais injustamente esquecidos, tendo o seu falecimento, com perto de 90 anos, passado escandalosamente despercebido no meio arqueológico.

No decurso das tarefas de prospecção mineira, teve a oportunidade de realocar o célebre dólmen de Antelas, no concelho de Oliveira de Frades, bem como outros monumentos dolménicos da bacia do Vouga, que explorou sozinho ou em companhia de Octávio da Veiga Ferreira e de Abel Viana. Os notáveis resultados ali obtidos vieram a ser adequadamente publicados em 1957, nas “Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal”, avultando a portentosa panóplia de esteios pintados, cuidadosamente registados e interpretados no que respeita ao seu simbolismo.

Com efeito, o labor de Albuquerque e Castro centrou-se no estudo da arte pré-histórica, tema praticamente por estudar à época entre nós, sendo de sua autoria dois importantes contributos datados dos inícios da década de 1960: a comunicação apresentada ao Congresso Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas (Roma, 1962), publicado em 1966 e dedicada à arte megalítica do território português e a lida no II Colóquio Portuense de Arqueologia, sobre a tipologia das placas de xisto, intitulada “A figura antropomórfica e as placas de xisto”, publicada em 1963, trabalho hoje imerecidamente esquecido. Ironicamente (ou talvez não...), uma das ideias objecto de discussão aquando da sua apresentação pública (ver missiva remetida a O. da Veiga Ferreira, datada de 21/5/1962), foi o significado de tais objectos como “brasões de família, bilhete de identidade do vivo, ficha de identificação do morto”, ideia retomada, na actualidade, com pretensa originalidade, e muito mais publicidade, pela americana K. Lillios.

Também nesta linha se integra o estudo que publicou, com Octávio da Veiga Ferreira, em 1960/1961, sobre as pinturas esquemáticas da serra dos Louções (Arronches).

É ainda de sublinhar o projecto de protecção e valorização do dólmen de Antelas, por si apresentado ao I Congresso Nacional de Arqueologia, em Dezembro de 1958 mas que já não teve oportunidade de realizar, preocupação quase única, à época e mesmo muito depois dela, sabendo-se a facilidade com

que, ainda hoje, se abandonaram, até época muito recente, os monumentos megalíticos à sua destruição, depois de esvaziados do seu conteúdo milenar.

Albuquerque e Castro interessou-se ainda pelos dólmenes de Talhadas (Sever do Vouga) e, mais tarde, pelos do concelho de Pombal. Nos primeiros (dólmen 2 de Chão Redondo), identificou notável conjunto insculturado em diversos dos seus esteios, enquanto o núcleo de Pombal, constituído por dois monumentos, tem o interesse adicional de se encontrar numa região onde é escassa a ocorrência de monumentos dolménicos.

A partir de inícios da década de 1970, a actividade de Albuquerque e Castro no campo Arqueologia da Pré-História esmorece, sem prejuízo de se manter activo no domínio da Arqueologia Mineira, mais próxima de sua actividade profissional e, deste modo, melhor tolerada pelas chefias, a par de outros focos de interesse, como o pré-românico português e a Cultura Castreja, tendo sempre como pano de fundo as expressões artísticas e o seu simbolismo.

Amavelmente elaborada e cedida pelo Professor Doutor João Luís Cardoso